



HAL
open science

Relação entre a cor da pele e a apreciação da beleza física em Moçambique

Germano Vera Cruz

► **To cite this version:**

Germano Vera Cruz. Relação entre a cor da pele e a apreciação da beleza física em Moçambique. 2018. hal-03221702

HAL Id: hal-03221702

<https://hal.science/hal-03221702v1>

Submitted on 12 May 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Relação entre a cor da pele e a beleza em Moçambique

Este livro representa um trabalho de vulgarização científica, baseado numa pesquisa realizada em Moçambique (2008) sobre o impacto da cor da pele na apreciação da beleza física. A divulgação dos resultados dessa pesquisa foi acompanhada de um vasto debate nos meios de comunicação social locais (televisão, rádio, jornais) e uma grande polémica despoletou, nessa altura. O interesse, o debate e a polémica desencadeada por essa pesquisa estão provavelmente ligados ao facto deste assunto mexer com o "inconsciente colectivo" nacional subjacente aos efeitos da colonização portuguesa. Assim, este livro ao mesmo tempo que reporta a pesquisa em questão, retrata o debate público que se desenrolou em volta da mesma.



De nacionalidade francesa e moçambicana, Germano Vera Cruz é professor de psicologia social e de saúde pública. Trabalha/trabalhou na Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), na Universidade de Toulouse II (França), e na Universidade de Québec em Montreal (Canada).



978-613-9-62458-4



Germano Vera Cruz

Relação entre a cor da pele e a beleza em Moçambique

Livro baseado numa pesquisa científica

 Novas Edições
Acadêmicas

Germano Vera Cruz

Relação entre a cor da pele e a beleza em Moçambique

Germano Vera Cruz

**Relação entre a cor da pele e a beleza
em Moçambique**

Livro baseado numa pesquisa científica

Novas Edições Acadêmicas

Imprint

Any brand names and product names mentioned in this book are subject to trademark, brand or patent protection and are trademarks or registered trademarks of their respective holders. The use of brand names, product names, common names, trade names, product descriptions etc. even without a particular marking in this work is in no way to be construed to mean that such names may be regarded as unrestricted in respect of trademark and brand protection legislation and could thus be used by anyone.

Cover image: www.ingimage.com

Publisher:

Novas Edições Acadêmicas

is a trademark of

International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group

17 Meldrum Street, Beau Bassin 71504, Mauritius

Printed at: see last page

ISBN: 978-613-9-62458-4

Copyright © Germano Vera Cruz

Copyright © 2018 International Book Market Service Ltd., member of
OmniScriptum Publishing Group

All rights reserved. Beau Bassin 2018

Germano VERA CRUZ

**Relação entre a cor da pele e a beleza em
Moçambique**

Ao meu falecido pai, Joaquim, que me transmitiu a paixão pelo conhecimento.
À minha falecida mãe, Luísa, que me inculcou a abnegação.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos à Amélie Humeau, Vanessa Emilia Walters, Jena Mussa Sauji e Fénita Manuel Mahendra pela ajuda que me forneceram na realização da pesquisa que serve de base a este livro.

Índice

Prefácio.....	9
Introdução.....	15
Capítulo I.....	19
Estudos anteriores	
Capítulo II.....	22
O estudo presente	
1. Hipótese	
2. Método	
Capítulo III.....	30
1. Resultados gerais	
2. Variação dos resultados em função do sexo	
3. Variação dos resultados em função do nível sociocultural	
4. Variação dos resultados em função da idade	
5. Variação dos resultados em função do nível escolar	
Capítulo IV.....	36
Discussão	
1. Confirmação das hipóteses	
2. Interpretação dos resultados	
3. Estudos futuros	

Referências..... 43

Anexo..... 48

Prefácio

A recente publicação dos resultados da pesquisa científica sobre o “impacto da cor da pele sobre a apreciação da beleza física de um indivíduo em Moçambique” suscitou um grande interesse por parte da imprensa nacional, do público, em geral, e da comunidade académica, em particular.

Ao interesse e curiosidade, juntou-se uma certa polémica. Entretanto, muitos procuravam o estudo para lê-lo inteiramente. Eu respondia que o estudo existia, mas em inglês. Então, muito pediram-me que traduzisse-o para português e publicasse-o sob a forma de um livro que pudessem ler.

Assim, não foi minha intenção inicial publicar esta pesquisa sob a forma de um livro. Escrito em forma de um artigo científico, o estudo foi feito para ser publicado num jornal científico internacional.

Face à demanda, decidi traduzi-lo e publicá-lo. Entretanto, para que ele fosse intelectualmente acessível ao maior número de interessados, decidi, contrariamente ao artigo original, simplificar o tratamento estatístico dos dados e utilizar uma linguagem mais comum.

Ademais, penso que a publicação desta pesquisa sob a forma de um livro pode responder à uma necessidade académica. Com efeito, os estudantes universitários moçambicanos queixam-se do facto de os livros científicos que têm acesso em língua portuguesa serem mais teóricos do que práticos e sobretudo reportarem pesquisas feitas nos países ocidentais cuja realidade é diferente daquela a qual eles estão sujeitos.

Outrossim, este livro, escrito de uma maneira didáctica e obedecendo estritamente aos cânones reconhecidos pela comunidade científica internacional,

deve ser visto também como um modelo no qual os estudantes podem inspirar-se quando quiserem fazer e redigir uma pesquisa científica.

Polémica

Aproveito esta ocasião para responder à controversa levantada aquando da divulgação dos resultados desta pesquisa.

Dois factores, penso eu, estão na origem da polémica : Um *mal-entendido* e um *descontentamento*.

Comecemos pelo mal-entendido.

Os resultados deste estudo devem ser vistos como uma constatação. Não se trata da afirmação de uma verdade absoluta e des-contextualizada. E, obviamente, eles não traduzem necessariamente a opinião do seu autor.

Na verdade, nas entrevistas que concedi aos diferentes órgãos de comunicação social, eu disse quatro coisas:

A primeira é que os resultados da pesquisa por mim feita indicam que, para a grande parte das 500 crianças que participaram no estudo, a cor de pele clara é um critério de beleza determinante, e que conseqüentemente elas tendem a considerar as mulheres de pele clara como geralmente sendo mais bonitas que as de pele escura, quando se comparar mulheres de aspecto físico mais ou menos equivalente. Este é um facto.

A segunda é que a partir dos resultados desta pesquisa, podemos generalizar e dizer que a maior parte das crianças moçambicanas tende a considerar as mulheres claras como sendo mais belas que as mulheres de pele escura, quando os outros aspectos físicos forem mais ou menos equivalentes. Esta é uma extrapolação.

A terceira é que essa não era apenas a apreciação das crianças, mas também a dos adultos, levando em conta o facto que a preferência das crianças

resulta, geralmente, da influência dos adultos. Esta é uma dedução lógica e psicossocial.

A quarta é que globalmente, na sociedade moçambicana, existe uma tendência a apreciar positivamente a cor de pele clara e a apreciar negativamente a cor de pele escura, quando comparadas uma à outra. Disse ainda que, actualmente, essa não era apenas uma tendência nítida da nossa sociedade. Trata-se, também, de uma tendência aparentemente pancultural.

Espero que o que a acabo de dizer possa clarificar a compreensão dos resultados da minha pesquisa, eliminando os mal-entendidos.

No que diz respeito ao descontentamento, diria o seguinte.

Primeiro, é a tal coisa: Isto não me convém, então não existe. Isto não deveria ser assim, então não é assim.

Mas as coisas são o que são, independentemente da nossa vontade ou do nosso descontentamento. E é preciso não confundir “o que é” com “aquilo que deveria ser” ou com “o que gostaríamos que fosse”.

No que me toca, prefiro ser realista.

Em segundo lugar, estão os “inconscientes” ou pseudo-inconscientes. Esses têm a íntima intuição da verdade. Porém, não gostam que ela seja dita abertamente. E lá vão trocando gato por lebre. Dizem que isso é racismo, ou vai criar racismo.

Respondo-lhes que se é racismo, racismo já o foi antes e racismo será depois. Esconder (reincar) ou revelar (consciencializar) não muda a essência.

No que me diz respeito, prefiro exorcizar os meus “demónios”, em vez de fingir não os ter.

Em fim. Nesta categoria dos descontentes, estão ainda os complexados e alguns avantajados.

Aos complexados, os que no mais íntimo interior gostariam de facto de ser “brancos” e não “pretos”, os resultados deste estudo irritam, pois neles vêem-se no *Espelho*, tal-igual.

Todavia, quero consolá-los. Assegurando-os que são muitos e não estão sós. Efectivamente, muitos negros gostariam de ser brancos; entre os brancos, muitos morenos gostariam de ser loiros; muitas mulheres gostariam de ser homens¹; muitos pobres gostariam de ser ricos; muitos feios gostariam de ser bonitos. Porque, em geral, preferimos o que é vantajoso ao que é desvantajoso!

Muitos dos que têm o cabelo encaracolado gostariam de tê-los lisos (a moda dos cabelos artificiais lisos, praticada pelas nossas mulheres negras o prova demais!); e, entre os brancos, muito dos que têm o cabelo preto gostariam de tê-los loiros (a moda de pintar o cabelo em loiro praticado por homens e sobretudo mulheres morenas também o prova).

É que ninguém quer ser socialmente des-avantajado. E, de certa forma, é normal que queiramos ter as características que conferem (realmente ou supostamente) vantagens psicológicas, sociais e sobretudo económicas.

Assim, explica-se também o facto de alguns avantajados irrite-se com os resultados do estudo. Temem ciúmes despropositados; ou uma consciencialização social onde eventualmente sairiam a perder. Sem falar numa desconfortável auto-culpabilização, frequente nesses casos, e difícil de assumir.

Gostaria de consolá-los, eles também. Não são culpados de serem preferidos. Claro, desde que não abusem as consequentes regalias!

Talvez seja melhor terminar resumindo as minhas ideias numa frase do célebre sociólogo francês, Pierre Bourdieu : Uma das coisas que torna trágica a dominação, é que muitas vezes ela exerce-se com a cumplicidade dos dominados.

Cruel verdade!

¹ Nas sociedades onde os homens são socialmente favorecidos e as mulheres socialmente des-favorizadas.

E fica aqui uma pergunta para o TPC (trabalho para casa): Segundo a sua experiência, querido leitor, nunca constatou uma situação em que alguns negros discriminam outros negros em favor dos brancos? Nunca viu alguns pobres desconsiderando outros pobres em favor dos ricos?

Responda para si mesmo e com honestidade.

GERMANO VERA CRUZ, Maputo, Outubro 2008

Introdução

Este estudo tem como objectivo verificar a existência ou não, na nossa sociedade, da tendência (atitude) consistente em preferir a cor de pele clara (tendência pró-pele clara) que a cor de pele escura (tendência anti-pele escura). Será verdade que, em Moçambique, as pessoas de pele clara são geralmente consideradas mais bonitas ou fisicamente mais atraentes que as de pele escura, quando controlados outros aspectos da aparência física?

Esta é a questão que motivou esta pesquisa.

Queremos também saber qual será a correlação existente entre certas variáveis tais como o Género sexual, a Idade, o Nível sociocultural e a tendência pró-pele clara, no tocante à apreciação da beleza física.

A realização deste estudo nos parece necessária pelas seguintes razões:

1. Em vários países africanos e ocidentais, seguindo uma prática iniciada nos Estados Unidos da América, na primeira metade do século XX, um número cada vez mais elevado de mulheres e homens negros correm riscos sanitários clareando a pele com ajuda de produtos químicos sob a forma de pomadas (M'bemba-Ndoumba, 2004)². Os que o fazem, pensam que com a pele clara serão mais atraentes ou mais desejáveis.

Naturalmente, este fenómeno afecta mais a mulheres que os homens.

“Da mesma maneira que a maior parte dos homens ocidentais prefere as mulheres loiras, a maior parte dos homens africanos prefere as mulheres claras, porque as considera mais atraentes que as mulheres escuras”, afirmou-nos uma

² Nos últimos anos, estes factos também têm sido reportados pela imprensa ocidental.

jovens moçambicana, estudante universitária, depois de ter admitido que havia dois anos que ela aplicava-se um certo creme para ter a pele mais clara.

Algumas mulheres evocam a pressão social como o factor decisivo que os levou a despigmentar a sua pele: “Eu, como o senhor pode ver, tenho a pele muito escura. Pois bem, desde criança que alguns membros da minha família têm feito comentários desagradáveis a esse respeito. Quanto ao cabelo encaracolado, os dirigentes da minha empresa pediram-me expressamente que os desfrisasse de modo a melhor representar a boa reputação da instituição. Então, decidi fazer as duas coisas, clarear a pele e desfrisar o cabelo”, explicou-nos uma outra jovem moçambicana.

2. Em Moçambique, podemos observar que, por exemplo, a maior parte das mulheres que aparecem nos cartazes publicitários das grandes empresas ou grandes estabelecimentos comerciais têm a cor de pele clara³. Naturalmente, este facto contrasta com a realidade físico-demográfica do país. Com efeito, a maior parte das mulheres moçambicanas (certamente mais de 90 %) têm a pele escura.

3. Nas conversações correntes, na música ou nos vídeos clips de música popular, os moçambicanos deixam transparecer uma preferência pela cor de pele clara em detrimento da cor da pele escura. De facto, a cor de pele clara parece ser sobretudo um critério da beleza feminina⁴.

Poderíamos aqui multiplicar exemplos que indicam a existência, na sociedade moçambicana, de uma atitude mais favorável à cor de pele clara relativamente à cor de pele escura. Mas, quão múltiplos e evidentes forem esses exemplos, talvez não sejam mais do que impressões. Daí a necessidade de fazer

³ Ver o anexo.

⁴ Podemos citar, a este propósito, uma música de Joaquim Macuacua que diz mais ou menos isto: “Estás a gingar porque és formosa e clara”. Nas zonas rurais da província de Inhambane, onde eu nasci, quando numa mulher dá a luz uma criança muito clara, é comum ouvir comentários do género: “Oh, com essa sua filhinha clara assim, poderás tirar um bom partido, casando-a com um *majonejone* (moçambicanos que vão trabalhar nas minas da vizinha África do Sul e que por isso têm uma condição material relativamente melhor)”. Outro exemplo: ouve-se frequentemente certas pessoas a serem felicitadas por terem voltado ao país com a pele relativamente clara, depois de uma longa estadia num país estrangeiro onde faz muito frio no inverso.

uma pesquisa científica (metodológica e objectiva), no sentido de verificar qual é o impacto da cor de pele clara na apreciação da beleza física de uma pessoa, em Moçambique.

Dissipemos imediatamente um eventual mal-entendido. O nosso propósito aqui não é a crítica. Não pretendemos criticar ninguém, muito menos fazer uma reivindicação social.

Temos a plena consciência, pois, que as preferências são que são, muitas vezes independentemente da nossa vontade consciente. Ademais, parece-nos que esta tendência se tornou sócio-cultural, deixando de ser somente individual. Quer dizer, ela foi *socialmente construída*. Assim sendo, a quem atiraríamos as culpas? À sociedade?⁵

O que nos importa a nós é apenas saber se de facto as pessoas de pele clara são, em geral, consideradas mais bonitas ou fisicamente mais atraentes que as de pele escura. Quanto às causas, discuti-las-emos mais tarde, se os resultados da nossa pesquisa assim o justificarem.

Importa referir que o estudo reportado neste livro foi realizado em 2008. Desde então, realizei várias outras pesquisas (e.g., Vera Cruz, 2012; Vera Cruz, 2013; Vera Cruz & Mullet, 2014; Vera Cruz, 2015; Vera Cruz, 2016; Vera Cruz, 2017; Vera Cruz, 2018) sobre o impacto da cor da pele na apreciação a beleza de um indivíduo. Estas pesquisas foram publicadas em jornais científicos internacionais. Aconselhamos o leitor a lê-los. Podem procurar alguns destes artigos escrevendo *Germano Vera Cruz Researchgate* no motor de buscas Google.

⁵ Fique aqui dito, ainda, que preferir as pessoas de pele clara não significa discriminar (no sentido de prejudicar em razão de) necessariamente as pessoas de pele escura. Embora isso aconteça, por vezes, consciente ou inconscientemente. Assim, um dos méritos deste tipo de estudos é consciencializar as pessoas de modo que as suas “preferências raciais” privadas não se transforme em discriminação racial.

Capítulo I

Estudos anteriores

Estudos anteriores efectuados junto de adultos e de crianças nos Estados Unidos da América, na Europa ocidental e na Ásia demonstraram uma tendência mais favorável à cor branca em relação à cor preta, e uma propensão mais favorável às pessoas de cor de pele clara em relação às pessoas de cor de pele escura.

De modo geral, os resultados destes estudos não variam com o género sexual, mais variam significativamente com a idade e com a origem étnica dos participantes.

Ademais, o facto de quase todas pesquisas acima referidas, levadas a cabo em continentes diferentes, terem chegado às mesmas conclusões, gerou a ideia segundo a qual as tendências pró-cor branca e pró-pele clara são tendências panculturais.

B+/P-

Assim, a tendência pancultural a fazer uma apreciação positiva da cor branca (B+) e a atribuir uma conotação negativa à cor preta (P-) foi testada em adultos em vários países (Best, Naylor & Williams, 1978; Best, Field & Williams, 1979; Dent, 1976; Iwawaki, Sonoo, Williams & Best, 1978; Neto & Williams, 1997; Campos & Neto, 2001).

Para além disso, Adams e Osgood (1973) observaram que os jovens adultos de todos os 23 grupos linguístico-cultural por eles estudados na América,

Europa e Ásia utilizavam a palavra “cor branca” mais positivamente que a palavra “cor preta”.

Williams e Morland (1976) obtiveram os mesmos resultados depois de terem estudado sete grupos americanos e orientais. No entanto, esta tendência revelou-se relativamente fraca nos grupos compostos por indivíduos negros.

Quanto à atitude de crianças sobre a apreciação da cor branca e da cor preta, ela foi estudada nos Estados Unidos da América, em vários países europeus e no Japão, com a utilização de um instrumento de pesquisa conhecido pelo nome de *Color Meaning Test II* (CMT II; Williams, Boswell & Best, 1975)⁶.

Outros estudos efectuados nos Estados Unidos da América por Williams e Morland (1976) mostraram a existência de uma tendência pró-branco/anti-preto (B+/P-) em crianças euro-americanas e afro-americanas em idade pré-escolar, com a mesma tendência a reduzir-se nos grupos compostos de indivíduos negros.

A propensão B+/P- foi também constatada em crianças de 5 e 6 anos na Inglaterra e Escócia (Dent, 1976), na França e Itália (Best, Naylor & Williams, 1975), na Alemanha (Best, Field & Williams, 1976), no Japão (Iwawaki, Sonoo, Williams & Best, 1978) e em Portugal (Neto & Williams, 1997; Neto & Paiva, 1998; Campos & Neto, 2001).

PC+/PE-

Paralelamente ao estudo da tendência B+/P-, utilizando um instrumento de pesquisa chamado *Preschool Racial Attitude Measure II* (PRAM II;

⁶ O CMT II apresenta-se sob a forma de uma entrevista feita a partir de histórias e gravuras. Conta-se uma história à criança e dá-se-lhe 24 ocasiões para escolher entre a figura de um animal branco e a figura de um animal preto a que, por exemplo, incarnaria melhor o animal *mau* ou o animal *gentil* (existem 12 adjectivos positivos e 21 negativos), evocados na história.

Williams, Best, Boswell, Mattson & Graves, 1975)⁷, vários pesquisadores fizeram estudos com o objectivo de verificar a possibilidade da existência, em crianças, de uma propensão a apreciar as pessoas de cor de pele clara mais positivamente que as pessoas de cor de pele escura.

Assim, a tendência pró-pele clara/anti-pele escura (PC+/PE-) foi várias vezes detectada em crianças euro-americanas e afro-americanas em idade pré-escolar (Williams & Morland, 1976).

Esta tendência também foi constatada em crianças de idade pré-escolar na França e Itália (Best, Naylor & Williams, 1975), na Alemanha (Best, Field & Williams, 1976), no Japão (Iwawaki, Sonoo, Williams & Best, 1978) e em Portugal (Neto & Williams, 1997).

⁷ O PRAM II é um instrumento que propõe uma escolha dicotômica para medir as atitudes raciais de crianças de 3 a 9 anos. Na sua forma original, ele é composto de 36 itens: 24 itens sobre atitudes raciais e 12 itens sobre papéis ligados aos géneros sexuais. Para cada item de atitude racial, conta-se à criança uma história que contem um adjectivo qualificativo e pede-se então a esta para escolher entre uma figura humana de pele clara e uma figura humana de pele escura a que corresponderia melhor à pessoa descrita na história (ex: Qual é o homem *mau*? Qual é a mulher *maravilhosa*?).

Capítulo II

O estudo presente

Se existem vários estudos sobre a apreciação das cores brancas e pretas, sobre a apreciação da pele clara relativamente à pele escura, realizados na América, Europa e na Ásia, pelo que sabemos, poucos estudos foram feitos sobre o mesmo assunto em África.

Por essa razão, pensamos que o estudo presente, feito em Moçambique, reveste-se de um interesse particular.

Importa, no entanto, salientar que mesmo se o nosso estudo inspira-se dos estudos anteriores acima descritos, podendo mesmo ser considerado uma continuação destes, ele diferencia-se dos precedentes quanto aos seus objectivos precisos (verificar a relação existente entre a cor da pele e a avaliação da beleza) e quanto ao método científico utilizado (como veremos abaixo).

1. Hipótese

Depois das constatações que fizemos na introdução acima, formularemos as nossas hipóteses de maneira lapidar:

a) Esperamos que os resultados deste estudo confirmem as observações segundo as quais, em Moçambique, a cor de pele clara é um critério de beleza determinante da atractividade física e, por consequência, a existência da tendência pró-pele clara.

b) Ademais, pensamos que não haverá uma diferença significativa entre a resposta dos sujeitos de sexo masculino e feminino, nem diferença significativa deste tipo de atitude em função do nível sócio-cultural dos participantes.

c) Em contra partida, prevemos um impacto significativo das variáveis Idade e Nível escolar, à saber: Quanto maior for a Idade e o Nível escolar do sujeito, menor será a preferência pela cor de pele clara (mesmo se neste caso de figura, a escolha da cor clara continuará a ser maioritária).

Ao nosso ver, o factor que explica esta última previsão é o seguinte: Com o avanço da idade e do nível escolar, os indivíduos adquirem capacidade e juízo crítico (também aumenta a tendência à auto-censura e ao discurso de conveniência) o que é de natureza a temperar as tendências espontâneas e “inconscientes” que, geralmente, estão envolvidas em todas as escolhas preferenciais.

2. Método

a) Instrumento de pesquisa

Como verificar de maneira objectiva, quer dizer, evidente, a existência ou não de uma tendência pró-pele clara e anti-pele escura na apreciação da beleza, em Moçambique?

Esta questão apoquentou-nos, durante meses.

Pois bem. Passei em revista várias possibilidades.

Construir um instrumento híbrido, capaz de verificar tanto a apreciação da beleza feminina como a beleza masculina?

Dificuldades práticas levaram-nos a tomar a decisão de acantonar a nossa pesquisa apenas à beleza feminina.

Com efeito, como vimos acima, a problemática do clareamento da pele através do uso de cosméticos concerne mais as mulheres que os homens

(M'Bemba-Ndoumba, 2004), por um lado. Por outro lado, a cor da pele clara nos parece ser sobretudo um critério de beleza no que diz respeito às pessoas do sexo feminino. Talvez porque, tradicionalmente, a problemática da beleza física afecta em primeiro lugar as mulheres, qualquer que seja o país ou a cultura⁸.

Uma vez este ponto resolvido, e depois?

Pensámos em pegar a foto de uma bela menina negra, a foto de uma bela menina mista e a foto de uma bela menina branca. Apresentaríamos estas fotos aos sujeitos da pesquisa, um por um, pedindo-lhes que escolhessem a mais bonita das três.

Mas, como poderíamos nós escolher as tais três meninas bonitas de tal modo que elas sejam de facto todas indiscutivelmente bonitas? “Nada é mais discutível que a beleza!”, objectariam-nos.

“Então, peguemos em fotos de três modelos célebres no mundo inteiro, e assim o problema estará resolvido”, pensámos.

Mas, como fazer para que a beleza das três modelos (negra, mista e branca) sejam exactamente equivalentes? Como conseguir isso, com três pessoas diferentes, ainda por cima de “raças” diferentes, tão famosas sejam elas?

Estas cogitações levaram-nos a uma única saída. Uma solução ao mesmo tempo prática, equitável e objectiva. Tínhamos de pegar a foto de uma única menina. E, a partir dela, fazer mais duas versões. Se a foto original fosse de uma menina negra, devíamos fazer uma “versão mista” e uma “versão branca” à partir dela. Assim por diante.

Mão à obra. Por uma questão pragmática, decidimos pegar na foto de uma menina mista e fazer, através de um programa informativo, uma versão negra e uma versão branca.

⁸ “Enquanto, para ser atraente, o homem deve ser rico e poderoso; a mulher ela, para ser atraente, deve ser bonita”. Podemos resumir assim os resultados dos estudos feitos a este respeito pela célebre antropóloga americana Helen Fischer (2008).

Assim, escolhemos algumas candidatas, minhas alunas na Universidade Eduardo Mondlane, que aceitaram posar para uma secção de fotos. As fotos, digitais, foram feitas por um fotógrafo profissional.

Em seguida, escolhemos a foto de uma das sete candidatas. Essa escolha fez-se segundo critérios de praticabilidade técnica. Com isto queremos dizer que escolhemos a foto da menina cuja cor da pele se aproximava mais da média entre o “escuro” e o “branco”. Com efeito, sria difícil escurecer uma cor de pele muito clara e igualmente sria difícil clarear uma cor de pele muito escura.

Uma vez feita a escolha, enviámos a foto à uma técnica informática, na França, que *escureceu* a cor de pele da menina da foto original (mista) para obter a versão “foto-menina-negra” e *clareou* a cor de pele da menina da foto original para obter a versão “foto-menina-branca”. Estas duas versões, juntavam-se, assim, à foto original baptizada “foto-menina-mista”.

Assim, já estava constituído o nosso instrumento de verificação da tendência pró-pele clara, o nosso instrumento de pesquisa, quer dizer, o nosso instrumento de recolha de dados: Três versões de uma mesma fotografia. Estas três versões são exclusivamente idênticas. A única diferença existente entre elas é a cor de pele *mais e menos* clara da menina nelas representada.

b) Teste

A quem aplicar o nosso instrumento de verificação da existência ou não de uma tendência (atitude) mais favorável à pele clara, relativamente à pele escura, na apreciação da beleza feminina em Moçambique?

Por outras palavras: Qual é o grupo de pessoas que deve ser chamado a participar no nosso estudo?

Logo à partida, demo-nos conta que os adolescentes e os adultos aperceberiam-se tratar-se de fotos de uma mesma rapariga. E, naturalmente, eles questionariam: “Porquê?!”. Assim, a probabilidade que eles antecipem as

presumidas intenções do pesquisador, respondendo *por conveniência*, seria maior.

Foi esta reflexão que nos levou a decidir aplicar este instrumento de recolha de dados unicamente em crianças de 4 anos (já em idade escolar) aos 11 anos.

De facto, no início, esta decisão fui uma espécie de postulado por testar, antes da deliberação definitiva. Com efeito, postulámos a idade ideal fundando-nos nas teorias do desenvolvimento das capacidades, competências cognitivas e sociais dos seres humanos concebidas por Piaget e Inhelder (1966), bem como pelos seus seguidores.

Segundo essas teorias, as capacidades mencionadas acima desenvolvem-se de maneira progressiva desde a nascença do indivíduo até a idade adulta. Deste modo, pareceu-nos que as crianças menores de 12 anos, pelo menos a grande maioria, não deveria se dar conta tratar-se de fotos de uma mesma menina.

Para além disso, pensámos num outro aspecto. As crianças menores de 12 anos (fixamos 12 anos como a idade provável de transição entre a infância e a adolescência), em geral, ainda não desenvolveram a tendência a fazer juízos de valor e críticos sobre as suas próprias preferências ou escolhas espontâneas, facto que os poderia levar a tentar antecipar os objectivos ou as expectativas do pesquisador para irem *a favor* ou *contra* eles.

Com efeito, os diferentes testes que realizámos confirmaram o nosso postulado inicial. Nenhuma criança menor de 12 anos fez uma reflexão que indicasse ter notado tratar-se de fotografias de uma mesma pessoa. As crianças de 12 anos descobriam, as vezes, embora nem sempre. Mas, os adolescentes de 13 anos e mais, desvendavam quase automaticamente o “mistério” das fotos. Algumas delas até exclamavam-se: “É a mesma pessoa, com cor de pele diferente! Como e porquê o senhor fez isto?”.

O mais comprometedor é que alguns desses adolescentes de 13 anos e mais (pelo menos três sujeitos) faziam observações críticas contra as crianças que escolhiam a “menina branca” como sendo a mais bonita de todas: “O quê! É esta a mais bonita para ti? Não vês que é a mesma pessoa que está representada nestas fotos? Claro, tu escolhes-te esta por ser a mais clara, não? Tu és negra, devias pois escolher esta aqui negra também...”, indignou-se uma adolescente de 14 anos.

Em fim. Os diferentes testes efectuados em 37 sujeitos (fomos ao encontro das crianças na rua e, as vezes, em casa destas) deviam também servir de base para verificar a coerência das respostas dadas pelos participantes na pesquisa.

Para o efeito, submetemos ao mesmo sujeito duas vezes o mesmo instrumento de verificação em intervalos de tempo variado (alguns minutos, um dia, ou dois dias de intervalo). Também mudávamos o tamanho das fotos apresentadas aos participantes (10x15 ou 20x25).

Foi desta maneira que pudemos constatar que globalmente, a resposta das crianças era coerente a 93%.

E assim validámos o nosso instrumento de pesquisa que, lembremos, fora completamente por nós inventado.

c) Amostra e procedimento

A pesquisa foi realizada no mês de Maio e Junho de 2008, em três escolas primárias da cidade e província de Maputo. Duas escolas da cidade de Maputo (Escola Primária 7 de Setembro e Escola Primária Felipe Samuel Magaia) e uma situada no distrito de Boane (Escola Primária de Campoane), esta última frequentada maioritariamente por crianças de nível sócio-cultural baixo.

Ao total, 500 crianças participaram no estudo: 258 (52%) do sexo masculino e 242 (48%) do sexo feminino; 259 (52%) do nível sócio-cultural

baixo e 241 (48%) do nível sócio-cultural médio e elevado (o nível sócio-cultural dos sujeitos foi fixado tendo em conta unicamente o lugar de origem das crianças – zona semi-rural, para as crianças de nível baixo, por exemplo).

A idade dos participantes varia de 4 a 11 anos. Com base nas teorias do desenvolvimento infantil, sub-dividimos os sujeitos em três grupos de idade: 4 a 6 anos = 198 sujeitos, 7 a 8 anos = 171 sujeitos e 9 a 11 anos = 131 sujeitos.

O nível escolar dos participantes varia da *primeira* a *sétima* classe. Pela necessidade inerente à análise dos dados recolhidos, reagrupámos os sujeitos segundo a sua pertença aos seguintes níveis escolares: 1-2 (*primeira* – *segunda* classe) = 281 sujeitos, 3-4 (*terceira* – *quarta* classe) = 199 sujeitos e 5-7 (*quinta* – *sétima* classe) = 20 sujeitos.

No que diz respeito ao procedimento, primeiro enviámos uma carta às direcções das escolas seleccionadas, pedindo a permissão de ir fazer uma pesquisa sobre “o desenvolvimento cognitivo das crianças”. De facto, nós achamos importante guardar um segredo absoluto do que era o verdadeiro objectivo da pesquisa, de modo a que isso não influencie de alguma maneira os resultados.

Chegado o dia acordado, deslocamo-nos aos estabelecimentos de ensino previamente identificados. Entrávamos na sala de aulas (eu e a minha assistente). Sentávamos junto a uma carteira preparada e colocada no fundo da sala.

Convidávamos as crianças, uma por uma. A principal questão que colocávamos era: “Estás a ver estas três fotografias aqui. Olha bem para elas. São três meninas. Então, diga-nos, na sua opinião, qual destas três meninas é a mais bonita?”.

Em geral, a criança indicava com o dedo a menina que ela considerava ser a mais bonita, dizendo: “É esta aqui”.

De referir que, para evitar que as crianças influenciassem-se uma as outras, separávamos sistematicamente as crianças que já tinham respondido das

crianças que esperavam a vez delas. Mais ainda: mudávamos constantemente a ordem de disposição das fotos colocadas em cima da carteira.

Capítulo III

Resultados

1. Resultados gerais

Tabela 1.

Cor da pele	Número de participantes
Branca	314
Mista	126
Negra	60
Total	500

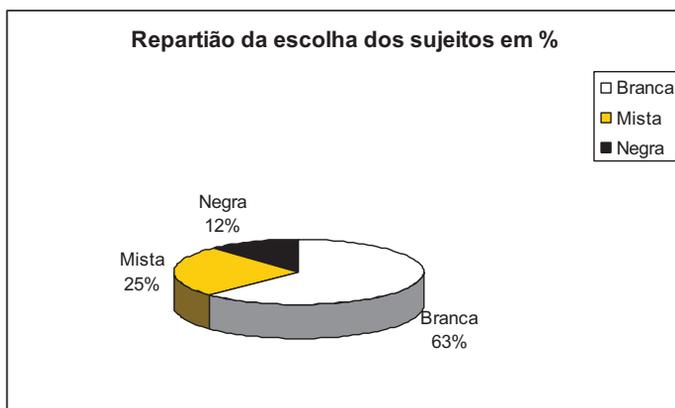
A tabela acima mostra a distribuição quantitativa daquela que foi a escolha (preferência em termos de beleza) dos participantes, entre as três escolhas possíveis.

Lendo-o, da direita à esquerda e de cima para baixo, vemos que de um total de 500 participantes, 314 escolheram a *menina branca*⁹ como sendo a mais bonita; 126 participantes escolheram a *menina mista*, e apenas 60 indivíduos consideraram que a *menina negra* era a mais bela de todas.

⁹ Doravante, por uma questão de facilidade, usaremos os termos *menina branca*, *menina mista* e *menina negra* respectivamente em lugar de “foto-menina-branca”, “foto-menina-mista” e “foto-menina-negra”.

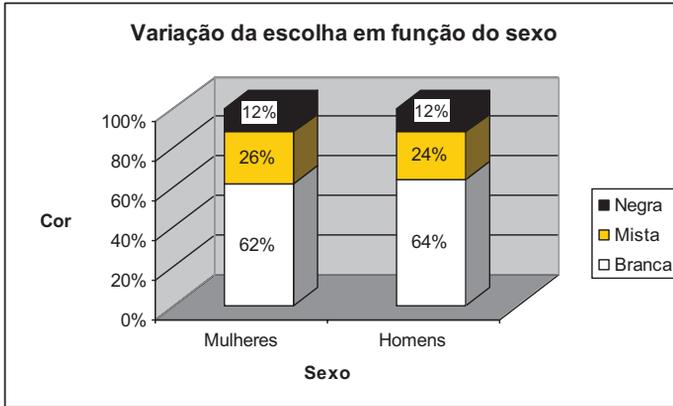
Paralelamente, como o mostra o gráfico a baixo, em forma de circunferência, a distribuição percentual da escolha dos sujeitos foi a seguinte: 63% dos sujeitos escolheu a menina branca, 25% escolheu a menina mista, e apenas 12% escolheu a menina negra como sendo a mais bonita.

Gráfico 1.



2. Variação dos resultados em função do sexo

Gráfico 2.



O gráfico acima permite comparar a escolha feita pelos sujeitos do sexo feminina da escolha feita pelos sujeitos de sexo masculino.

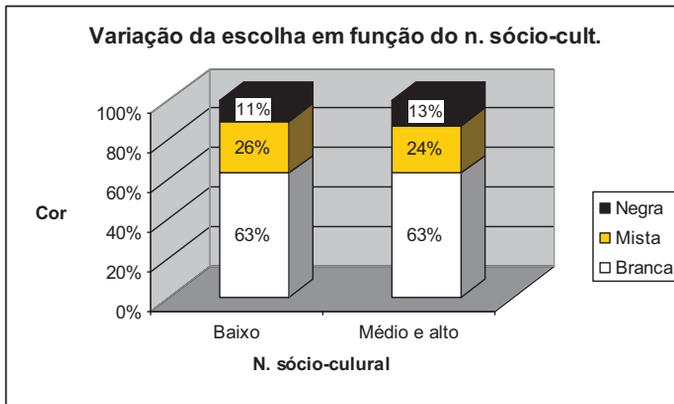
Assim, a partir dele podemos constatar que 62% das mulheres escolheu a menina branca, 26% escolheu a menina mista e 12% escolheu a menina negra. No que diz respeito aos sujeitos masculinos, 64% deles escolheu a menina branca, 24% escolheu a menina mista e 12% escolheu a menina negra.

À luz destes resultados, podemos afirmar que não existe uma diferença significativa entre a escolha feita pelas crianças do sexo feminino e a escolha das crianças do sexo masculino¹⁰. De facto, a diferença é apenas de 2% no tocante a escolha da menina branca e da menina mista. Sendo que a percentagem que marca a preferência pela menina negra (12%) é idêntica nos dois géneros.

3. Variação dos resultados em função do nível sócio-cultural

Gráfico 3.

¹⁰ Esta inferência é o resultado de testes de X^2 que efectuamos. Mais, como este trata-se de um livro de vulgarização, decidimos não colocar nele estatísticas complexas. O leitor que deseja apurar os resultados estatísticos mais afinados deverá ler o artigo científico (Vera Cruz, 2013) publicado sobre esta pesquisa no *Journal of Psychology in Africa*.



Como podem ver no gráfico acima, calculámos a escolha diferencial feita pelos dois grupos sócio-culturais discriminados.

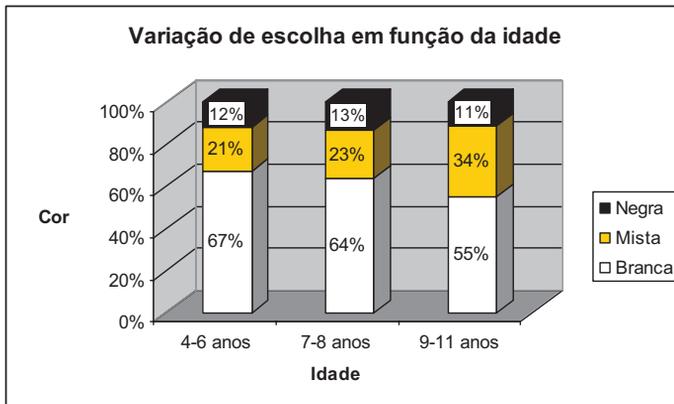
Assim, temos que 63% dos sujeitos do *nível socio-cultural baixo* escolheu a menina branca, 26% escolheu a menina mista, 11% escolheu a menina negra.

Ao mesmo tempo, vemos que 63% dos participantes do *nível socio-cultural médio e alto* escolheu a menina branca, 24% escolheu a menina mista, 13% escolheu a menina negra.

Podemos constatar então que neste caso a diferença entre a escolha feita pelos sujeitos dos dois grupos também não é significativa. Com efeito, existe uma igualdade concernente à escolha da menina branca (63% nos dois grupos sócio-culturais). Sendo que a diferença das outras duas possibilidades de escolha, entre os dois grupos, é apenas de 2%.

4. Variação dos resultados em função do grupo de idade

Gráfico 4.



O gráfico acima mostra, em percentagem, qual foi a escolha feita pelos três grupos de idade por nós discriminados (4-6 anos, 7-8 anos e 9-11 anos).

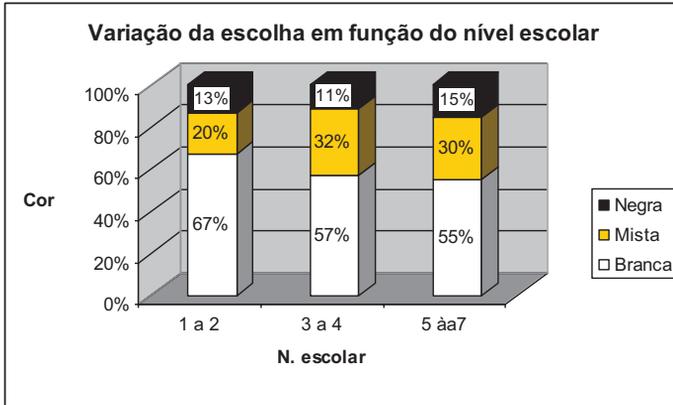
Podemos apurar, examinando o gráfico, que a percentagem dos sujeitos que escolheram a menina branca decresce à medida que a idade aumenta. Este decréscimo é significativo a partir do segundo grupo de idade: passamos de 64% à 55% (9% de diferença).

Ao mesmo tempo, a escolha da menina mista aumenta à medida que a idade avança. Este crescimento é significativo a partir do segundo grupo: passamos de 23% à 34% (11% de diferença).

A escolha da menina negra, quando passamos de um grupo ao outro, é estável. De facto, com uma variação de 12%, 13% e 11%, não vemos uma mudança de atitude significativa, quando passamos de um grupo ao outro.

5. Variação dos resultados em função do nível escolar

Gráfico 5.



O gráfico acima mostra, em percentagem, qual foi a escolha feita pelos sujeitos dos três níveis escolares que discriminamos (1-2, 3-4, 5-7, anos de estudo).

Podemos então notar que a percentagem dos sujeitos que escolheram a menina branca baixa à medida que o nível escolar dos participantes avança. Essa queda é significativa do primeiro ao segundo grupo: passamos respectivamente de 67% a 57% (10% diferença).

Ao mesmo tempo, constatamos que a escolha da menina mista aumenta nitidamente quando passamos do primeiro ao segundo grupo escolar.

A percentagem de escolha da menina negra não muda significativamente quando passamos de um nível escolar ao outro. De facto, com uma variação sucessiva de 13%, 11% e 15%, não vemos uma mudança de atitude exprimida de maneira significativa.

Capítulo IV

Discussão

Neste capítulo, iremos, primeiramente, examinar os resultados expostos acima, relacionando-os com as hipóteses de partida do presente estudo e com os resultados dos estudos anteriores. Em segundo lugar, tentaremos interpretar os resultados do nosso estudo e indicar perspectivas para estudos futuros.

1. Confirmação das hipóteses

- A primeira hipótese que avançamos é que, em Moçambique, existe uma tendência a favorecer a cor de pele clara em detrimento da cor de pele escura, quando se trata de apreciar a beleza física feminina.

Os resultados do nosso estudo confirmam esta hipótese. Com efeito, dos 500 sujeitos que participaram no estudo, 314 (63%) indicaram a foto da menina com a pele mais clara (menina branca) como sendo a mais bela de todas¹¹.

A segunda mais votada, por assim dizer, foi a menina relativamente clara (menina mista) que recolheu 126 sufrágios (ou seja, 25%).

A menina de pele escura (menina negra) foi escolhida como sendo a mais bonita de todas por apenas 60 participantes (12%), de um total de 500 indivíduos interrogados.

Assim, estes resultados concordam com a tendência pró-pele clara/anti-pele escura (PC+/PE+) encontrado em vários estudos realizados em crianças

¹¹ Lembremos que a pesquisa foi realizada a partir de fotos de uma mesma menina e que nós clareamos e escurecemos a cor de pele de maneira a obter três versões diferentes: “foto-menina-branca”, “foto-menina-mista”, “foto-menina-negra”.

europeias, euro-americanas e afro-americanas, e ainda em crianças asiáticas (Best, Naylor & Williams, 1975; Best, Field & Williams, 1979; Dent, 1976; Iwawaki, Sonoo, Williams & Best, 1978; Neto & Williams, 1997; Campos & Neto, 2001).

- A segunda hipótese que avançámos é que não existiria uma diferença significativa entre a escolha dos sujeitos do sexo feminino e a escolha dos sujeitos de sexo masculino, por um lado; e também não existiria uma diferença significativa entre a escolha dos sujeitos de níveis sócio-culturais diferentes.

Os resultados deste estudo confirmam também esta hipótese. De facto, o tratamento estatístico dos dados mostra que a diferença quantitativa entre a escolha feita pelas mulheres e a escolha feita pelos homens não ultrapassa 2%. A diferença quantitativa entre a escolha feita pelos participantes de nível social baixo e aquela que foi feita pelos participantes de nível sócio-cultural médio e alto também não ultrapassa 2%.

Estes resultados estão em concordância com os observados em estudos anteriores realizados nos Estados Unidos da América, na Europa e na Ásia (Best, Naylor & Williams, 1975; Best, Field & Williams, 1979; Dent, 1976; Iwawaki, Sonoo, Williams & Best, 1978; Neto & Williams, 1997; Campos & Neto, 2001).

- A terceira e última hipótese que avançámos é que a escolha da cor de pele clara diminuiria à medida que a idade e o nível escolar dos sujeitos aumentaria; e a escolha da cor de pele escura aumentaria na mesma proporção.

Esta hipótese verificou-se. Mas, verificou-se somente em parte. Efectivamente, os dados do nosso estudo mostram que a escolha da menina branca, mesmo se continua a ser maioritária em todos os casos de figura, diminui de maneira significativa com o avanço da idade e do nível escolar dos

participantes. Todavia, e contrariamente às nossas previsões, a escolha da menina negra não evolui na proporção inversa.

Isto significa que a baixa quantitativa que se verifica na escolha da menina branca à medida que a idade e o nível escolar dos sujeitos aumenta, favoreceu unicamente à menina mista e não à menina negra. O que talvez seja de âmbito a salientar quão os participantes tendem a preferir inexoravelmente as cores de pele claras!

Este aspecto do nosso estudo está, ao mesmo tempo, em concordância com os resultados de alguns estudos anteriores e em dissonância com outros. Com efeito, alguns estudos anteriores mostram que a tendência PC+/PE- aumenta com a idade (Doyle, Aboud & Sufrategui, 1992), e outros estudos mostram o contrário (Campos & Neto, 2001).

2. Interpretação

- A concordância global existente entre os resultados do nosso estudo, feito em Moçambique (África), e os estudos anteriores realizados em outros continentes confirma o carácter pancultural da tendência PC+/PE-.

O panculturalismo desta tendência divide os cientistas quanto à sua interpretação.

Alguns vêem nela o pretexto para se posicionarem a favor de uma interpretação *evolucionista (biologista)* ligada à natureza diurna do *Homo sapiens* (Williams & Morland, 1976). Com efeito, os defensores desta tese notam que a retina humana tem uma deficiente visão nocturna, o que a conduz a preferir naturalmente a “luz” à “sombra”, e consequentemente, a preferir as cores claras às cores escuras (Williams & Morland, 1976).

Esta teoria é reforçada pelo facto que alguns pesquisadores encontram, na maior parte das crianças estudadas em vários países ocidentais e asiáticos, uma correlação positiva entre o escore da tendência pró-pele clara/anti-pele escura

(PC+/PE-) e o escore da tendência pró-cor branca/anti-cor preta (B+/P-) (Williams & Morland, 1976).

Outros cientistas, pelo contrário, pensam que a aparente universalidade das tendências PC+/PE- e B+/P- é o resultado da *aprendizagem social* (*construtivismo social*) do modelo cultural e do ponto de vista dos povos dominantes (Branços) desde as expansões colonialistas europeias (campos & Neto, 2001).

Em quase toda a parte do mundo, podemos assim resumir esta interpretação, como resultado da herança colonial e a sua ideologia de desprezo sistemático para com a “raça” negra, quanto mais clara for cor de pele de um indivíduo, mais é a possibilidade que este ocupe posições privilegiadas na hierarquia social (Sméralda, 2005).

Assim se constrói (construtivismo social) o valor inerente (intrínseco?) à cor de pele clara, cor que seria deste modo e geralmente mais vantajosa que a cor de pele escura.

Infelizmente, não nos é possível ressuscitar os nossos antepassados africanos, aborígenes da Austrália e outros povos negros que existiram no mundo sem contacto com a “dominação branca” e a sua ideologia de superioridade da sua raça, para perguntarmo-los se geralmente eles tinham esta tendência a apreciar mais os seus congéneres com a pele mais clara. Com efeito, se tal fosse possível, então teríamos que acordar à interpretação evolucionista um crédito sem reserva.

(A propósito, parece que quando o tipo loiro apareceu na Europa entre de 11 000 e 20 000 anos atrás, devido a uma modificação genética causada por carências alimentares, os contemporâneos imediatamente o preferiram ao tipo moreno então mais comum [Pitman, 2003]).

Seja como for, pelo que nos parece, a interpretação biologista e a interpretação social não devem ser consideradas exclusivas uma da outra, tal

como tendem a o fazer a maior parte dos cientistas que destacámos acima. Ao nosso ver, as duas interpretações podem coabitar e até serem complementares.

Dito isto, inclinamo-nos mais a favor da teoria da aprendizagem social ou do chamado construtivismo social. Com efeito, somos da opinião que a tendência pró-pele clara surgiu nos indivíduos de maneira proeminente em quase todos as sociedades como resultado da assimilação, consciente ou inconsciente, do ponto de vista veiculado pela cultura e a civilização que domina o mundo desde há mais de cinco séculos.

Basta notar dois factos, ao nosso ver, culturalmente decisivos:

O primeiro é que os idiomas ocidentais são utilizados como línguas¹² principais no sistema oficial de ensino e aprendizagem (bem como línguas oficiais) na maioria dos países do globo. Ora, essas línguas contêm elementos (ex. expressões do tipo *humor negro*, *um dia negro*, etc.) que valorizam as cores claras e depreciam as cores escuras¹³. O segundo é que a maioria dos programas televisivos e cinematográficos difundidos na maioria dos países, susceptíveis de criar um forte impacto identificativo, são feitos e encarnados por pessoas de “raça” branca.

Assim, nos parece mais que evidente que estes dois factores, para não falar de muitos outros, não podem não ter uma incidência no sistema de representações das sociedades sob o seu jugo.

- Alguns pesquisadores, cujos estudos demonstram que a tendência PC+/PE- aumenta com a idade, consideram que este mesmo factor vai a favor da teoria da aprendizagem social (Campos & Neto, 2001), quando se trata de

¹² A língua tem uma grande importância cultural na medida em que é o principal veículo de comunicação (socialização), de identificação de um povo, e é ela que, em última análise, estrutura o pensamento.

¹³ Cada criação cultural contém, além de sua forma física, o código de condutas e das interações que a tornou possível, e que também condiciona a acção das novas gerações que a utilizam. Da mesma forma, a língua (ou linguagem) contém representações e recortes de “mundos” legados pela cultura, e é assim que se transmitem as representações e as visões do mundo de uma geração à outra.

explicar o panculturalismo desta propensão: À medida que crescem, as crianças assimilam os modelos dominantes.

Outros pesquisadores, cujos estudos mostram que a tendência PC+/PE-diminui com a idade, estimam também que este mesmo facto está a favor da interpretação pela teoria da aprendizagem social (Doyle, Aboud & Sufrategui, 1992): Os preconceitos diminuem com o aumento da idade.

Nós pensamos que neste caso também, estas duas posições não devem ser vistas como contraditórias e exclusivas uma da outra. Com efeito, na nossa maneira de ver, os preconceitos tanto podem diminuir como aumentar com a idade, dependendo dos indivíduos, das situações e sobretudo do tipo de preconceitos.

O que nos parece aumentar invariavelmente com a idade é a tendência a auto-censura. As crianças mais novas são, por assim dizer, mais “autênticas”. Elas tendem a ser mais sinceras que os mais velhos na expressão pública da sua preferência. Isto porque elas ainda não integraram completamente todo um mecanismo social que os conduzirá mais tarde a auto-avaliar as suas apreciações à luz do que é socialmente conveniente exprimir em determinadas circunstâncias, ou segundo o seu interesse imediato.

Quanto mais avançamos na idade e no nível escolar (postulamos, neste caso, a aquisição de uma cada vez maior capacidade de reflexão) mais tendemos a dar importância, nas nossas declarações e nas nossas escolhas feitas publicamente, ao *imperativo de conveniência* e ao *princípio de realidade*. Esta tendência, muitas vezes, dá lugar à auto-censura e mesmo à má-fé.

É justamente por essa razão que, desde o início, fizemos a hipótese que a escolha da menina com a pele mais clara diminuiria com o aumento da idade e do nível escolar; e a escolha da menina com a pele escura aumentaria com o avanço da idade e do nível escolar. Como vimos, esta hipótese verificou-se em parte.

3. Estudos futuros

Mas, para melhor verificar esta última hipótese, parece-nos ser necessário adoptar uma outra metodologia de pesquisa (um outro instrumento de recolha de dados) que possa permitir levar a cabo o mesmo tipo de estudo junto da população adolescente e adulta. Assim poderemos comparar os resultados de um tal estudo com este realizado em sujeitos de 4-11 anos.

Ademais, seria interessante fazer este tipo de estudo em outras regiões de Moçambique e em outros países com as mesmas características que o nosso, com o objectivo de verificar, por exemplo, se as pessoas de cor de pele clara têm mais possibilidades de obter certos tipos de empregos.

Ou ainda, fazer estudos metódicos para saber se globalmente as pessoas de pele clara são consideradas mais competentes ou mais inteligentes que as pessoas de cor de pele escura, etc.

Referências

Introdução

- M'bemba-Ndoumba, G. (2004). *Ces Noirs qui se blanchissent la peau. La pratique du « maquillage » chez les Congolais*. Paris, France: L'Harmattan.
- Vera Cruz, G. (2012). Age, gender and social class influences on skin color preferences among Mozambican children. *Journal of Psychology in Africa*, 22(1), 139-142. doi: 10.1080/14330237.2012.10874532
- Vera Cruz, G. (2013). Cross-cultural study of facial beauty. *Journal of Psychology in Africa*, 23(1), 87-90. doi: 10.1080/14330237.2013.10820597
- Vera Cruz, G., & Mullet, E. (2014). The impact of skin tone on perceived facial beauty: A two-culture study. *Psicologica: International Journal of Methodology and Experimental Psychology*, 35(3), 729-743.
- Vera Cruz, G. (2016). *Sexualité, amour, beauté : Perspectives occidentales vs. Perspectives africaines*. Berlin, Allemagne : Editions Universitaires Européennes.
- Vera Cruz, G. (2015). *Sexuality, love and physical attractiveness: Euro-Western vs. Southern Africa perspectives*. Berlin, Germany: LAP Lambert Academic Publishing.

Vera Cruz, G. (2018). The impact of face skin tone vs. face symmetry on perceived facial attractiveness. *The Journal of General Psychology*. doi: 10.1080/00221309.2018.1459452

Vera Cruz, G. (2017). The impact of face skin tone on perceived facial attractiveness: A study realized with an innovative methodology. *The Journal of Social Psychology*. doi: 10.1080/00224545.2017.1419161

Capítulo I

Adams, F. M., & Osgood, C. (1973). A cross-cultural study of the affective meanings of color. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 4, 135-156.

Best, D. L., Field, J. T., & Williams, J. E. (1976). Color bias in a sample of young German children. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 6, 390-405.

Best, D.L., Naylor, C. E., & Williams, J. E. (1975). Extension of color bias research to young French and Italian children. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 6, 390-405.

Campos, G., & Neto, F. (2001). Atitudes da criança em relação à cor e à etnia Pitman, J. (2003).. *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. V, 2, 271-287.

Dent, E. (1976). *Evaluative responses of preschool children to the colors black and white*. Unpublished master thesis. Univ. of Strathclyde.

Fischer, H. (2008). *Histoire naturelle de l'amour*. Paris : Hachette.

- Iwawaki, S., Sonoo, K., Williams, J. E., & Best, D. L. (1978). Color bias among young Japanese children. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 9, 61-73.
- Morland, K. (1958). Racial recognition of nursery school children in Lynchburg, Virginia. *Social Forces*, 37, 132-137.
- Neto, F., & Williams, J. E. (1997). Color bias in children revisited : findings from Portugal. *Social Behavior and Personality*, 25(2), 115-122.
- Neto, F., & Paiva, L. (1998). Color and racial attitudes in white, black and biracial children. *Social Behavior and Personality*, 6(3), 233-244.
- Pereira, M. E., & Lima, M. E. O. (2003). Cor da pele e modaça cultural em Portugal e no Brasil : um estudo comparative. *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. VII, 2, 261-283.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1966). *La Psychologie de l'enfant*. Paris, France: PUF.
- Pitman, J. (2003). *On Blondes*. New York, NY : Blomsbury.
- Sméralda, J. (2005). *Peau noire, cheveux crépus, histoire d'une aliénation*. Guadeloupe : Jasor.
- Williams, J. E., Best, D. L., & Boswell, D. A. (1975). The Measurement of children's racial attitudes in the early school years. *Child Development*, 46, 494-500.

Williams, J. E., Boswell, D. A., & Best, D. L. (1975). Evaluative responses of preschool children to the colors white and black. *Children Development*, 46, 501-508.

Williams, J. E., Best, D. L., Boswell, D. A., Mattson, L. A., & Graves, D. J. (1975). Preschool Racial Attitude Measure II. *Educational and Psychological Measurement*, 35, 3-18.

Williams, J. E., & Morland, J. K. (1976). *Race, color, and the young child*. Chapel Hill, NC : University of North Carolina Press.

Capítulo II

M'bemba-Ndoumba, G. (2004). *Ces Noirs qui se blanchissent la peau. La pratique du « maquillage » chez les Congolais*. Paris, France: L'Harmattan.

Piaget, J. & Inhelder, B. (1966). *La Psychologie de l'enfant*. Paris, France: PUF.

Capítulo IV

Best, D.L., Naylor, C. E., & Williams, J. E. (1975). Extension of color bias research to young French and Italian children. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 6, 390-405.

Best, D. L., Field, J. T., & Williams, J. E. (1976). Color bias in a sample of young German children. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 6, 390-405.

Campos, G., & Neto, F. (2001). Atitudes da criança em relação à cor e à etnia
Pitman, J. (2003).. *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. V, 2, 271-287.

- Dent, E. (1976). *Evaluative responses of preschool children to the colors black and white*. Unpublished master thesis. Univ. of Strathclyde.
- Iwawaki, S., Sonoo, K., Williams, J. E., & Best, D. L. (1978). Color bias among young Japanese children. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 9, 61-73.
- Neto, F., & Williams, J. E. (1997). Color bias in children revisited : findings from Portugal. *Social Behavior and Personality*, 25(2), 115-122.
- Neto, F., & Paiva, L. (1998). Color and racial attitudes in white, black and biracial children. *Social Behavior and Personality*, 6(3), 233-244.
- Pitman, J. (2003). *On Blondes*. New York, NY : Blomsbury.
- Sméralda, J. (2005). *Peau noire, cheveux crépus, histoire d'une aliénation*. Guadeloupe : Jator.
- Williams, J. E., & Morland, J. K. (1976). *Race, color, and the young child*. Chapel Hill, NC : University of North Carolina Press.

Anexo

Experiência A.

Aqui está uma experiência que cada um pode reproduzir:

No dia 27/06/08, por volta das 14 horas, resolvi fazer o trajecto Maputo-Matola, com o objectivo de observar todos os cartazes publicitários contendo figuras femininas nele representadas.

De facto, queria é contar, entre as mulheres representadas nesses cartazes, as que tinham a cor clara, por um lado, e as que tinham a cor escura, por outro.

Sai então do Hotel Vip. Segui a Avenida 25 de Setembro até ao fim. Depois, peguei a auto-estrada em direcção à Matola. Ao mesmo tempo, ia reparando cuidadosamente nos dois lados da estrada, par ver os cartazes publicitários pendurados nos muros dos prédios, em vitrinas de estabelecimentos comerciais e nos dispositivos especialmente feitos para o efeito.

Tendo apenas levado em conta os cartazes publicitários diferentes uns dos outros, aqui está, em ordem, a anotação que pode fazer sobre a cor da pele das mulheres que vi:

Clara/Escura/Clara/Clara/Clara/Escura/Escura/Clara/Clara/Clara/Clara/Clara/Clara/Clara/Clara/Clara/Escura/Clara.

O que significa que, durante o meu percurso, pude ver 17 cartazes publicitários com 17 mulheres diferentes. Das 17 mulheres, apenas 4 tinham cor escura!

Cada um pode fazer esta experiência, na cidade do Maputo. Pode fazer o mesmo trajecto ou um outro (por exemplo, podem seguir as avenidas 24 de Julho e Eduardo Mondlane, de uma ponta a outra).

O resultado poderá não ser exactamente o mesmo. Ele poderá variar em função do trajecto e do momento. Pois, cartazes publicitários mudam com o tempo. Mas, existem grandes possibilidades que as mulheres de cor de pele clara neles presentes sejam a maioria.

Então, não será isso admirável num país em que de certeza mais de 90% das mulheres tem a pele escura? (x)

Experiência B.

Aqui está uma outra experiência que cada um pode reproduzir:

Em Julho 2003, trouxe da Europa bonecas de “raça branca” e de “raça negra”. Tive de trazer da Europa porque na altura era difícil encontrar em Moçambique bonecas negras! (É como os manequins das lojas: são todos brancos, pelo menos nesta altura em que estou a escrever este livro [2008!]).

Depois, pedi a crianças moçambicanas, de 3 a 5 anos de idade, vivendo na cidade da Matola, de escolher entre a “boneca branca” e a “boneca negra” a que gostariam de ficar com ela como presente.

O resultando foi o seguinte:

Das 14 crianças interrogadas, 11 escolheram a boneca branca e somente 3 escolheram a boneca negra.

Naturalmente, esta experiência não tem um valor decisivo, dado que o número de crianças nela envolvidas é restrito.

Todavia, pode ser uma base para formular hipóteses a serem verificadas num estudo mais abrangente como o estudo que fizemos.

(x)

**More
Books!** 



yes
I want morebooks!

Buy your books fast and straightforward online - at one of the world's fastest growing online book stores! Environmentally sound due to Print-on-Demand technologies.

Buy your books online at
www.get-morebooks.com

Compre os seus livros mais rápido e diretamente na internet, em uma das livrarias on-line com o maior crescimento no mundo! Produção que protege o meio ambiente através das tecnologias de impressão sob demanda.

Compre os seus livros on-line em
www.morebooks.es

SIA OmniScriptum Publishing
Brīvības gatve 1 97
LV-103 9 Rīga, Latvia
Telefax: +371 68620455

info@omniscrptum.com
www.omniscrptum.com

OMNI Scriptum



